

## *Um Olhar Psicanalítico a Respeito da Questão da Identidade do Surdo<sup>1</sup>*

Leny Magalhães Mrech<sup>2</sup>

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

### Resumo

Este artigo visa discutir, a partir da teoria psicanalítica lacaniana, alguns dos principais impasses no processo de constituição da criança surda. Ele parte inicialmente do estabelecimento de diferenças entre as abordagens da Psicologia e da Psicanálise. Em segundo lugar, investiga-se como os conceitos de desenvolvimento e estrutura acabaram propiciando encaminhamentos diversos em relação ao processo de constituição da criança surda. Em terceiro lugar, discute-se a construção do conceito de identidade do surdo à luz do processo de constituição do sujeito, e não como um mero produto de processos estabelecidos pelas teorias de desenvolvimento.

### Abstract

The present paper aims at discussing some of the main obstacles in the process of the psychological constitution of the deaf child, based on the psychoanalytical theory of Lacan. It begins by establishing the differences between the Psychological and the Psychoanalytical approaches. It then discusses how the concepts of development and structure facilitate a variety of referrals related to the process of psychological constitution of the deaf child. Finally, it discusses the construction of the concept of deaf identity in the light of the process of the psychological subject, and not as a mere product of the processes established by developmental theories.

### 1. Introdução

Existem algumas semelhanças, mas principalmente diferenças entre a abordagem psicológica e a psicanalítica em relação ao olhar que visa identificar o que ocorre com a criança surda. Como elas são ainda pouco estudadas, irei privilegiar algumas delas, para que seja possível discutir com maior profundidade alguns dos principais impasses que ocorrem no processo de constituição do surdo.

### 2. O Olhar da Psicologia: a descoberta da importância da língua de sinais

Para iniciar esta discussão apresentarei em primeiro lugar o olhar da Psicologia que institui uma forma de atuação bastante conhecida pelos professores de Educação de Surdos. Em um livro recente que sintetiza aos educadores as principais articulações entre Psicologia e Educação, César Coll e outros (1999: 40) propõe certos postulados básicos das diferentes teorias de desenvolvimento aplicadas à Educação:

<sup>1</sup> Trabalho apresentado sob a forma de conferência no VI Seminário Nacional do INES: Surdez e Diversidade Social, em Setembro de 2001.

<sup>2</sup> Profa. Livre Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Psicanalista e socióloga.

a) *Em primeiro lugar, (há) a crença de que o conhecimento psicológico é o único que permite abordar as questões educativas de uma maneira científica e racional.*

b) *Em segundo lugar, o postulado de que o comportamento humano responde a uma série de leis gerais que, uma vez estabelecidas pela pesquisa psicológica, podem ser utilizadas para compreender e interpretar qualquer âmbito de atividade das pessoas.*

c) *Em terceiro lugar, aquilo que caracteriza a psicologia da educação não é o tipo ou a natureza do conhecimento que manipula (um conhecimento relativo às leis gerais que regem o comportamento humano e que, portanto, é comum às outras áreas ou parcelas da psicologia), mas o campo ou âmbito de aplicação em que se pretende usar esse conhecimento, ou seja, a educação.*

d) *Em quarto lugar, a missão da psicologia da educação, entendida dessa maneira, é precisamente selecionar, entre os conhecimentos que a psicologia oferece, em um determinado momento histórico, os que podem ser mais úteis para entender e explicar o comportamento das pessoas em situação educativa.*

Há na Psicologia uma concepção científica, de fundamentação positivista, de como devem ser extraídos e aplicados os conhecimentos psicológicos nos contextos educacionais. Ela visa a implantação de leis, processos de generalização, criação de postulados, etc, instituídos através da crença de que é lidar com o sujeito da forma mais objetiva e isenta.

Qual o principal conteúdo que tem sido identificado pelas pesquisas psicológicas no contexto educacional em

relação à criança surda? Que existe um “período crucial” para a aquisição da linguagem: os primeiros anos de vida.

Em 1926 Vygotsky já havia percebido a dificuldade na construção da linguagem da criança surda, pois ela era muitas vezes levada à aquisição de uma linguagem oral, sem perceber o seu sentido e articulações fundamentais.

A teoria vygotskyana, um dos núcleos centrais das discussões a respeito da Educação do Surdo, parte da importância da construção de uma fala mais natural, mais próxima dos sujeitos.

*Verifica-se ainda, com muita frequência, práticas de educação que visam a produção de uma fala que faz pouco ou nenhum sentido para os surdos e que os faz despender horas importantes em treinos que não levam à aprendizagem de uma linguagem. O verdadeiro problema parece estar no fato de que a linguagem oral precisa ser ensinada, o que ocorre normalmente com os ouvintes é que ela é adquirida, sem que para isso haja qualquer procedimento “especial”. (Lacerda, 2000)*

A linguagem oral seria para o surdo, dentro das concepções psicológicas, uma linguagem artificial, enquanto a língua de sinais seria a língua natural. Daí, a proposta de uma educação bilíngue para a criança surda, onde ela tivesse tanto a língua de sinais quanto a língua do grupo majoritário.

### **3. A Psicanálise: Um outro olhar a respeito da linguagem**

Para a Psicanálise, desde o início, as discussões vão em outra direção, revelando a artificialidade da

implantação da linguagem, seja sob a forma de língua oral ou língua de sinais; pois, ambas são recursos artificiais, possibilitando que o sujeito se constitua de forma alienada.

*Não se pode dizer que uma criança sabe o que quer antes da assimilação da linguagem: quando um bebê chora, o sentido desse ato é dado pelos pais ou pelas pessoas que cuidam dele que tentam nomear a dor que a criança parece estar expressando (por exemplo, “ela está com fome”). Não se pode dizer que o verdadeiro sentido por trás do choro era que a criança sentia frio, porque o sentido é um produto posterior. (Fink, 1998:22)*

Por que este aspecto é importante? Porque a criança surda e a criança ouvinte vão ter que inscrever suas necessidades, demandas e desejos através da

Freud e Lacan revelam que o sujeito acaba sendo capturado pelo desejo do Outro. Uma operação inicial de constituição do sujeito que Lacan nomeia o processo de alienação. É o instante em que o sujeito faz existir o desejo do Outro, principalmente a partir do enfoque da sua família.

*Preparo-lhes o terreno para o ponto que gostaria de enfatizar: **a função constituinte do desejo**, que, por intermédio dos pais, é preenchida pela família. A família tem duas funções: a função alimentar de satisfação das necessidades e, de forma muito mais essencial, a função constitutiva do desejo. Quanto mais nossa sociedade evolui, mais assistimos às transformações do modelo familiar tradicional, mais a dimensão alimentar da família se torna reduzida, assistida, aleatória, e mais se impõe o problema da manutenção da função constitutiva do desejo por meio da célula familiar. (Strauss, 2000:15).*

***Freud e Lacan revelam que o sujeito acaba sendo capturado pelo desejo do Outro. Uma operação inicial de constituição do sujeito que Lacan nomeia o processo de alienação. É o instante em que o sujeito faz existir o desejo do Outro, principalmente a partir do enfoque da sua família.***

Para Lacan, diferentemente das abordagens psicológicas que pressupõe a existência de um eu desde o início, a princípio o sujeito existe colado ao Outro. O sujeito ainda não se encontra lá.

linguagem, seja ela instrumentalizada pela língua oral ou pela língua de sinais.

*Nessa situação, o sentido é determinado não pelo bebê mas por outras pessoas e com base na linguagem que eles falam. (Fink, 1998:23)*

*A função da família é menos a satisfação das necessidades do que a transmissão que está na base da constituição subjetiva e que, por esse motivo, implica a relação do desejo que não seja anônimo. (Strauss, 2000:15)*

Muitas crianças surdas apresentam este problema, constatados pelo professor em sala de aula. Elas foram bem alimentadas pela comida que suas famílias lhes deram, mas faltou-lhes o alimento do desejo, aquele que lhes dá a possibilidade da emergência de sua singularidade como sujeito. Um aspecto que tem aparecido em muitos dos relatos dos professores que trabalham com surdos é o de que:

*Eu era oralizada, mas não tinha aquele vocabulário, por exemplo, tinha muito muito vocabulário mas não sabia conversar, não sabia comunicar (...), parece meio frio, igual papagaio, (...) saber falar mas não saber conversar, então eu repetia*

*A criança na sala de aula, assim como nas demais dependências da escola, parecia um autômato ou um boneco: ele era alheio a tudo e a todos. Não respondia quando era chamado. Não estabelecia relação com o outro. Era preciso levá-lo a fazer todas as coisas. Ele parecia ser indiferente a tudo.*

Acredito que dessa maneira seja possível repensar, com maior profundidade, se aquilo que falta ao surdo é apenas o uso instrumental da língua de sinais. Será que a posição desejante do professor de surdos e do ensino regular, assim como da própria família do aluno não exerceriam também um papel importante no processo de constituição da criança?<sup>3</sup>

***Levar o aluno a se constituir de uma forma desejante nos parece absolutamente essencial no campo da Educação Especial e da Educação Inclusiva. Pois, estas crianças se encontram dessexualizadas, deserotizadas, em um estado de apatia muito grande. Um processo que ultrapassa e muito os aspectos meramente motivacionais do ensino.***

*Nesse sentido, a professora, percebendo as dificuldades de Gui, incentiva-o a continuar lendo já que esta era a proposta seguida por todos os alunos. Em seguida, ela propõe que a turma toda leia em sinais o texto produzido por ele. Ela assume a língua de sinais como uma língua pertencente àquele grupo e propõe*

*tudo. (...) Só sabia imitar não entendia profundamente o que eles estavam falando. (Yara). (Souza, 1998)*

*uma atividade de leitura um tanto “difícil” para as crianças ouvintes (afinal, nem todas têm domínio dos sinais e precisariam de ajuda para realizar aquela leitura). (Lacerda, 2000)*

Mas, será que este é um processo que ocorre apenas com a criança surda? A Psicanálise e a Educação Inclusiva revelam: ele também pode ocorrer com a criança que apresenta outras necessidades educativas especiais como, por exemplo, a criança com deficiência mental.

Levar o aluno a se constituir de uma forma desejante nos parece absolutamente essencial no campo

<sup>3</sup> Para a Psicanálise o eu é a fonte de alienação do sujeito. O eu é composto pelas imagens que o Outro fez do sujeito. Ao se identificar a estas imagens o sujeito estrutura uma “identidade”.

da Educação Especial e da Educação Inclusiva. Pois, estas crianças se encontram dessexualizadas, deserotizadas, em um estado de apatia muito grande. Um processo que ultrapassa e muito os aspectos meramente motivacionais do ensino.

No livro *Psicanálise e Educação: Novos Operadores de Leitura* (Mrech, 1999) eu afirmo que o professor deveria levar o aluno a uma transferência de trabalho, fazendo com que ele consiga colocar algo de si, com que ele acabe tendo uma implicação com aquilo que faz.

#### **4. A Cultura do Surdo e a Identidade do Surdo: diferenças entre a concepção psicológica e psicanalítica**

A noção de identidade costuma ser associada tradicionalmente a um eu, a uma pessoa, a um indivíduo; levando à crença que ali se encontraria um sujeito desde o início.

No entanto, a Psicanálise não adota o conceito de identidade para se referir ao que ocorre com o sujeito. Para Lacan o sujeito pode não estar vivenciando um processo em que atue apenas como objeto, se deixando levar pelo desejo do Outro de forma que ele não consiga se posicionar, que ele não consiga se descolar.

*A alienação representa a instituição de uma ordem simbólica – que deverá ser realizada novamente por cada novo sujeito – e a atribuição de um lugar ao sujeito nessa nova ordem. (Fink, 1998:75)*

Sujeito, Eu e Identidade são processos distintos. Neste sentido, a concepção psicanalítica contradiz, em parte, algumas das colocações de Souza (1998), que ao

adotar a fundamentação de Baktin, concebe a existência de uma indissociabilidade entre “língua” e “sujeito”.

*Na reflexão que ora inicio, aprofundarei minhas reflexões sobre a indissociabilidade que se instaura entre “língua” e “sujeito”. Minhas argumentações aqui procurarão enfatizar o fato de que “ensinar” uma língua é mais do que expor a criança a dados lingüísticos; muito além disso, é um processo de (re) organização constante e dinâmica do “eu” e do “outro”. (Souza, 1998)*

Souza acredita que a língua de sinais possibilitaria o instrumento que o aluno surdo necessitaria para se constituir sujeito. Do ponto de vista da Psicanálise este processo é bem mais complexo. Pois, mesmo através do uso da língua de sinais o sujeito pode se implicar ou não, atuar de uma forma desejante ou não.

Aliás, de que sujeito estamos falando? Será que ele é o mesmo para a Psicologia e a Psicanálise? Para a Psicologia e a Pedagogia o sujeito é a criança concreta, o indivíduo, a pessoa, propiciando a crença na existência de um sujeito substantivo da ordem do ser. Em decorrência, sua identidade acabaria revelando a forma mais estruturada que este sujeito alcançaria.

Como vimos, a Psicanálise não pressupõe desde o início a existência de um sujeito. Ela revela – através dos mais de cem anos de sua prática clínica – que ali pode existir uma aparência de sujeito, alguém que ainda não é ou não consegue se ver ou estar em seu lugar, assumindo as suas coisas.

E isso fez com a Psicanálise acabasse adotando a noção de sujeito sem uma forma estabelecida, um ser sem substância, cindido entre o plano da consciência e do inconsciente. Lacan concebia este sujeito como sujeito

barrado. Um sujeito que não está nunca completo, o oposto do sujeito da Psicologia que o concebe como um sujeito total.

Por que a Psicanálise atua desta forma? Porque ela faz o descolamento do ser, do ser na linguagem e do sujeito. Ela revela que sempre nós queremos acreditar na existência do ser, de alguém localizável, com o qual nós poderíamos interagir. O que não se aceita é que este sujeito é um ser na fala (língua de sinais e língua oral). Alguém que não tem uma existência fixa, se transformando ou não a cada momento. Para Lacan o sujeito é sempre um vir a ser, e não um é, tal como para a Psicologia e a Pedagogia.

Daí, a Psicanálise designá-lo como um ser de linguagem, um ser estabelecido através da fala (oral ou através da língua de sinais) que levou Lacan a associar o processo de constituição do sujeito a uma cebola, com suas múltiplas cascas de identificação.

Como a criança poderia sair deste circuito das cascas? Para a Psicanálise é preciso que ela se perceba em falta, que ela se perceba ocupando uma posição distinta daquela que o desejo do Outro quer ela ocupe (as eventuais cascas com as quais ela vai se nomeando identificada ao desejo do Outro).

É por isto que não acreditamos que sujeito e língua sejam da mesma ordem. A língua de sinais pode ser um instrumento para o sujeito se constituir sujeito. Mas, ela não traz em seu bojo este processo em si. Senão, bastaria ensinar a todas as crianças surdas a língua de sinais para

que automaticamente os alunos se tornassem sujeitos. Todos os professores de língua de sinais sabem que este processo não ocorre desta forma, há sempre impasses, retrocessos, paradas, avanços, etc.

Para que o sujeito realmente se constitua enquanto tal é preciso que ele se descole do desejo do Outro. Um processo bastante complicado que costuma evidenciar os

***A língua de sinais pode ser um instrumento para o sujeito se constituir sujeito. Mas, ela não traz em seu bojo este processo em si.***

estereótipos e preconceitos presentes no interior dos sujeitos.

*Professora preciso lhe falar que meu filho tem um problema. Ele tem um pouquinho de Síndrome de Down. Ele passou pela APAE, e eles disseram que ele não precisava ficar lá, porque só tem um pouco de Síndrome!*

O que é, para a mãe, este “pouquinho de Síndrome de Down”? De que maneira ela tem lidado com o seu filho? De que maneira o seu filho tem lidado com o seu pouquinho de deficiência e as demais pessoas?

No caso apresentado, através da implantação da Educação Inclusiva, onde a criança foi levada a uma Creche no ensino regular, houve uma grande melhora. Contudo, a mãe acabou retirando a criança da escola, sob a alegação de que ela morava longe e não tinha ninguém para auxiliá-la.

## 5. Conclusão

Quando se olha a deficiência e não a criança, o processo de descolamento da criança em relação ao desejo do Outro fica bastante dificultado. É como se a categoria deficiência antecedesse ao próprio sujeito que ela apresenta. Como a mãe que continuou olhando o seu filho privilegiando o significante Síndrome de Down. Até que ponto ela se permite ter uma criança menos deficiente? Até que ponto ela permite que este “pouquinho” diminua ainda mais ou desapareça? A sua resposta final foi que ela prefere o “pouquinho” a uma mudança mais drástica na vida da criança.

As teorias de desenvolvimento apresentam ao professor um modelo de desenvolvimento ideal: o indivíduo saudável, instituindo a crença de que se ele seguir as etapas de desenvolvimento no final do período emergirá um sujeito total, um sujeito completo.

A Psicanálise sempre fez a crítica desta forma redutora de encaminhamento. O sujeito não pode ser reduzido às etapas de desenvolvimento. O que levou Freud e Lacan a privilegiar o conceito de estrutura. O sujeito se constitui, é aí que emerge a sua estrutura.

Este aspecto nos parece fundamental para que o surdo não seja reduzido à teoria do desenvolvimento, a um significado, a uma significação ou aos conceitos que estruturamos a seu respeito. O surdo encontra-se em outro lugar onde a linguagem não consegue alcançar. O surdo é muito maior do que as categorias que nós utilizamos para apreendê-lo.

*Será que a surdez é suficiente para identificarmos dois sujeitos como uma mulher negra, pobre, latino-americana, vivendo em uma pequena localidade rural e surda e um homem, branco, rico, europeu, vivendo em metrópole e surdo? Que a surdez*

*é um traço de identificação entre eles não se nega. Mas isso é suficiente para considerá-los como “pares” ou como “iguais”? Eles fazem parte de uma mesma comunidade só pelo fato de serem surdos? (Bueno, 1998)*

Concordo com a colocação de Bueno, pois, também para a Psicanálise Lacaniana a identificação é vista como uma identificação a um atributo, a um traço. O que Freud e Lacan designam como traço unário. O significante enquanto forma – o surdo, a surdez, a deficiência, etc – podem ser aparentemente os mesmos. Mas, o conteúdo que cada sujeito apresenta revelará que eles irão se constituir de forma distinta.

Para Lacan quando o sujeito se aliena a um significante a um tal ponto que acaba transformando-o em sua “identidade”, ele acaba fortalecendo o seu eu, através da crença egóica de que ele realmente sabe o que está acontecendo com ele. Com isto ele acaba ficando atrelado a uma modalidade específica de gozo. Ele acaba querendo gozar apenas de uma determinada forma. Como a pessoa que já teve tantas relações fracassadas, que agora “opta” por ficar sozinha. Ou como a mãe do menino com Síndrome de Down que continua a acreditar na sua “deficiência”, mesmo que o menino não esteja mais onde a mãe o colocou. Em suma, o que era apenas um significante, foi erotizado a um tal ponto que acabou se tornando um ponto de referência para o sujeito. Um articulador das cadeias de significantes.

O psicanalista Eric Laurent tem estudado a emergência dos efeitos da linguagem no sujeito. Ele revelou que, nos anos oitenta e noventa, surgiram novas comunidades em defesa dos direitos do sujeito.

*O reconhecimento destas comunidades constrói um modo original de linguagem no traço político e*

*traços de gozo que vem a se desenvolver como uma insígnia. (Laurent, p. 59)*

A identidade do surdo e da cultura do surdo estão sendo utilizadas como uma insígnia pelos surdos, uma marca que os diferenciaria dos demais. O que possibilitaria a constituição de uma fraternidade composta por surdos.

***Não se trata de alimentar o sintoma com o sentido. Trata-se de conseguir levar o sentido até o seu ponto mais profundo que é o enigma. (Laurent)***

*O que conta é a promoção da insígnia de gozo da comunidade. Ela engendra uma fraternidade fundada sobre o modo de gozar e não sobre os antigos significantes, que já não funcionam como ideal. (Laurent, p. 59)*

Para Lacan a fraternidade não introduz a igualdade e as boas relações. Ela traz em seu bojo o agravamento dos processos de segregação, pois na pátria há a mobilização de um saber, que classifica as coisas e as pessoas, fazendo com que haja a expulsão daquilo que aparece como distinto, como diferente, fazendo com que o Outro acabe sendo colocado no lugar de objeto.

Em um clã há o reconhecimento das pessoas que apresentam o mesmo traço. Porém, aqueles que não o detém costumam serem vistos como inimigos, com os quais é preciso guerrear em função da defesa de uma identidade aparente. Estas podem ser algumas das decorrências da adoção simplificada de termos como

cultura ouvinte e cultura surda. Elas tem sido reduzidas a um binarismo de oposição, que estimula o confronto constante.

*Na medida em que os teóricos da surdez se apropriam desta concepção, transformam essa diversidade cultural em homogeneidade cultural (cultura ouvinte), reduzindo – e muito, a meu ver – a riqueza teórica desta abordagem. O mundo passa a ser dividido entre “cultura ouvinte” (dominadora) e “cultura surda” (dominada). O que identifica o segundo grupo é a surdez, independentemente da raça, classe ou gênero. (Bueno, 1998)*

A posição da psicanálise é outra. Há um inominável na cultura surda e na cultura ouvinte, na identidade do surdo e do ouvinte. Para a Psicanálise os símbolos (conceitos ou palavras) e imagens não dão conta de dizer quem é o surdo e a especificidade da sua cultura. Colocar o surdo em posição de vítima da cultura ouvinte ou dos ouvintes não soluciona o problema, apenas radicaliza posições.

*Não se trata de alimentar o sintoma com o sentido. Trata-se de conseguir levar o sentido até o seu ponto mais profundo que é o enigma. (Laurent)*

Qual é o enigma a ser decifrado da identidade ou identificação do surdo e da cultura do surdo? É aquele que fica candente como o da Quimera: “Decifra-me ou te devoro”. Mas, este será um tema a ser trabalhado em um outro momento.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COLL, César; Mestres, Mariana Miras; Goñi, Javier Onrubia e Gallart, Isabel Solé – *Psicologia da Educação*. São Paulo, Artes Médicas, 1998.

FINK, Bruce – *O Sujeito Lacaniano entre a Linguagem e o Gozo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

LACERDA, Cristina B. Feitosa de – A Prática Pedagógica Mediada (também) pela Língua de Sinais: Trabalhando com sujeitos surdos in *Caderno do Cedes*. Campinas, abril de 2000, volume 20, número 50.

LAURENT, Eric – Segregación y Diferenciación in *El Niño – Revista del Instituto del Campo Freudiano e CIEN (Centro Interdisciplinar de Estudios del Niño)*, no. 6. Barcelona, Paidós Ibérica, Primavera/Verão, 1999.

MRECH, Leny Magalhães – *Psicanálise e Educação: Novos Operadores de Leitura*. São Paulo, Tomson e Learning/Pioneira, 1999.

SOUZA, Regina Maria de – Língua de Sinais e Língua Majoritária como Produto de Trabalho Discursivo in *Caderno do Cedes*. Campinas, setembro de 1998, volume 19, número 46.

STRAUSS, Marc – Separar-se de seus Pais in *Marraio A Criança e o Laço Social*. Rio de Janeiro, Formações Clínicas do Campo Lacaniano, 2000.

TENÓRIO, Fernando – Da Reforma Psiquiátrica à Clínica do Sujeito in *Psicanálise e Psiquiatria Controvérsias e Convergências*. Organizado por Antonio Quinet. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos, 2001.